

MEMÓRIA E INTERIORIDADE EM SANTO AGOSTINHO

Ana Kelly Ferreira Souto Pinto¹

José João Neves Barbosa Vicente²

Resumo

Memória, interioridade e confissão são conceitos fundamentais para compreensão do homem como ser que clama pela felicidade numa vida fundada na verdade. Para Agostinho possuímos uma alma inquieta que continuamente deseja. Sendo esse desejo comum a todas as pessoas quer saber qual a origem e como podemos alcançar a saciedade desse desejo de modo pleno. Inspirado pela ideia do “conheça a ti mesmo”, Agostinho elabora uma espécie de antropologia que investiga quem é o homem, num retorno a si cuja empreitada lançará mão dos recursos da memória, a ideia de homem interior e o papel da confissão como elemento de investigação interna para chegar a verdade.

Palavras-chave: Memória; Interioridade; Felicidade; Confissão; Verdade.

MEMORY AND INTERIORITY IN SANTO AGOSTINHO

Abstract

Memory, interiority and confession are fundamental concepts for understanding man as a being who cries out for happiness in a life founded on truth. For Augustine we possess a restless soul that continually desires. As this desire is common to all people, we want to know the origin and how we can fully achieve satiety of this desire. Inspired by the idea of “know yourself”, Agostinho elaborates a kind of anthropology that investigates who man is, in a return to himself whose endeavor will make use of the resources of memory, the idea of an inner man and the role of confession as an element of internal investigation to get to the truth.

Keywords: Memory; Interiority; Happiness; Confession; Truth.

¹ Doutoranda em Filosofia UFG. Doutoranda em ciências da Religião PUC/GO. Professora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: souto-ana@hotmail.com

² Professor de Filosofia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. E-mail: josebvicente@bol.com.br

Agostinho é um pensador importante da tradição do pensamento ocidental. Apesar de se comprometer profundamente com as questões religiosas referentes ao cristianismo, não é difícil de se constatar em seus escritos discussões pertinentes e profundas sobre diversos temas como, por exemplo, o da educação e da linguagem que, de um modo geral, ultrapassam suas preocupações com o problema do mal presente em suas reflexões iniciais (PINTO; FILHO, 2022; PINTO; VICENTE, 2021). Mas ainda é preciso destacar que, para esse pensador, não se alcança plenamente a verdade e nem a felicidade fazendo uso apenas da razão. Como já foi mencionado várias vezes por diversos estudiosos e pesquisadores da obra de Agostinho, ele propõe um “retorno à interioridade”; esse retorno é a única forma ou meio de se encontrar uma resposta para uma vida feliz. Esse percurso rumo à interioridade não pode ignorar as questões éticas e antropológicas, uma vez que não se pode esquecer que encontrar a felicidade não é uma tarefa fácil; é preciso cuidado e atenção para não se enveredar pelos caminhos tortuosos e equivocados, considerar o relativo como “bem” e colocar como centro da vida aquilo que a qualquer momento pode desaparecer. Aquele que, por algum motivo, orienta sua vida pelos caminhos errados, dificilmente conseguirá atingir ou alcançar a verdadeira felicidade; na verdade, conduzir a vida rumo aos objetivos inadequados, apenas se chegará à infelicidade e à falta de estabilidade. Essa situação ou condição é, nas palavras de Agostinho, nada mais do que uma alegria falsa ou superficial; esse tipo de alegria tem como seu principal guia o “corpo” e suas vontades que, de um modo geral, são alimentados e nutridos pelos sentidos e “belezas” do mundo. O desejo pela felicidade conduz muitas pessoas a se perderem, a se mergulharem na falsa alegria. Não há dúvida de que todos querem ser felizes, isto é, ninguém está disposto a escolher a infelicidade, sendo assim, se optar pela infelicidade é porque

a carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias à carne. Chegando somente até onde podem, e se contentam com isso, porque não podem alcançar o que não desejam com a força necessária para obtê-lo. Pergunto a todos se preferem a gozar a verdade ou da falsidade. E todos com firme resolução dizem preferir a verdade, como também afirmam querer ser felizes. Felicidade é gozo da verdade, o que significa gozar-te? de ti, que és a verdade, ó Deus (AGOSTINHO, Conf. X, 23; 33).

Mentira e infelicidade não são coisas que os seres humanos almejam para suas vidas; é verdade que costumam enganar seus semelhantes, mas eles não mentem ou enganam a si próprios de forma deliberada. No entanto, é preciso também sublinhar que nem todos estão dispostos a ouvir ou a aceitar a ideia de que a verdadeira felicidade não se encontra em coisas efêmeras e nem na mentira, infelizmente muitos ainda utilizam desses caminhos como vias para a felicidade e se mostram insatisfeitos ou descontentes com aqueles que tentam alertá-los do perigo que esses caminhos representam. Uma pessoa pode ficar distante da “Verdade” se amar algo que, para ele, simplesmente parece ser a verdade; não se pode esquecer que a “Verdade” não está presente e nem reside, por exemplo, em objetos ou na “carne”, ela está em Deus, por isso quem não consegue enxergar as coisas dessa maneira, não consegue viver uma vida plena e autêntica e, de um modo geral, vive insatisfeito e seu espírito se torna “cego e preguiçoso, torpe e indecente; deseja permanecer escondido, mas não quer que nada lhe seja ocultado” (AGOSTINHO, Conf. X, 23; 34). Fica assim evidente que, para Agostinho, falar de felicidade é falar da estabilidade na plenitude da verdade, isto é, para ele, não é possível a felicidade fora dessa condição; e para se alcançar a felicidade é preciso trilhar o caminho que se encontra dentro de cada um de nós e jamais aquele que se apresenta no mundo exterior. Todos aqueles que se retornam a si mesmos restabelecem suas conexões com “Sumo Bem”. Esse retorno à interioridade não pode, no entanto, ser entendido ou interpretado simplesmente como uma atividade da razão, mas sim como um exercício dessa faculdade humana mais o elemento da fé. Percebe-se, portanto, que a razão é, para Agostinho, uma faculdade importante para se alcançar a felicidade, mas ela precisa ser guiada pela fé: “retornar a mim mesmo, entrei no íntimo do meu coração sob tua guia, e o consegui, porque tu te fizeste meu auxílio. Entrei com os olhos da alma, acima destes meus olhos e acima de minha própria inteligência, vi uma luz imutável” (AGOSTINHO, Conf. VII, p. 16).

A ideia da verdade em Agostinho não parece se desvincular da ideia daquilo que é fixo e imutável; além disso, parece também evidente que a fé amplia ou aumenta o poder da razão para compreender as coisas. Parece que quando algo foge à razão humana, a fé colabora para auxiliar a compreensão; fé e razão em Agostinho contribuem, portanto, para o conhecimento: “fé adverte a razão exatamente de sua temporalidade, isto é, de que ela é incapaz de ver o porquê esta incapacidade pode dar lugar, no futuro, a uma visão

beatífica” (NOVAES, 2009, p. 110). Retornar a nós mesmos não soa como um retorno a um lugar desconhecido, mas sim a lugar onde já estivemos antes. No entanto, se é um lugar onde a felicidade e a verdade plena podem ser encontradas, porque saímos de lá, porque não permanecemos nesse lugar? Tudo indica que a resposta de Agostinho está diretamente ligada à ideia do pecado que, infelizmente, costuma corromper a alma e desconectar os seres humanos da verdade.

Para Agostinho, felicidade e verdade não são encontradas no mundo sensível; assim, para encontrá-las é necessário um esforço no sentido de sair do mundo exterior; em outras palavras, é necessário fazer um movimento do exterior para o interior de década um de nós. É preciso ultrapassar a contemplação do mundo sensível, do corpo e de suas belezas, porque a Verdade não se encontra neles, isso não significa, no entanto, que eles não encantam o “homem exterior” que, de um modo geral, acaba os carregando e os levando ao “homem interior”; como disse agostinho (Conf. X, 6, 9), “o homem interior conheceu tais fatos graças ao homem exterior. Eu os conheci, eu, o espírito, graças aos sentidos do corpo”. Nesse modo de pensar, fica evidente que o mundo sensível não é totalmente desprezível, não é difícil de se perceber, por exemplo, que as “belezas” do mundo sensível/exterior são capazes ou têm o papel de despertar para as coisas do alto; os homens, como já dito pelos antigos pensadores, não são idênticos ou iguais aos animais, por isso eles podem não se sentir totalmente satisfeitos com a beleza do mundo sensível e partir para uma investigação que os levarão à interioridade e julgar tudo o que provém dos sentidos; para Agostinho (Conf. X, 10), parece ser natural aos seres humanos dotados de razão perguntar e julgar sobre tudo o que chega até eles através dos sentidos: “os animais sejam grandes ou pequenos, a veem, mas não podem fazer-lhes perguntas, não lhes foi concedida a razão, capaz de julgar as mensagens dos sentidos”. Diferente dos animais, os seres humanos são capazes de ir além dos sentidos, isto é, eles são capazes de alcançar a Verdade. A estabilidade e a plenitude não se encontram neste mundo, mas sim em Deus e, de um modo geral, são essas coisas que cada um de nós ama e busca; são, portanto, essas coisas que o ser humano ama em Deus: “um perfume que o vento não dissipa, onde se saboreia uma comida e o apetite não diminui, onde estabelece um contato e a sociedade não desfaz”, (AGOSTINHO, X, 6, 8). Em Agostinho, a perfeita felicidade exclui todo tipo de medo; a verdade é imperturbável. Portanto, a cada um de nós cabe a

tarefa de se colocar no caminho da busca da verdade, através não apenas da razão, mas também da fé; essa é uma atitude que pode fazer o indivíduo a se repousar na vida feliz. Em Agostinho, esse chamado que impulsiona cada ser humano a buscar as coisas superiores envolve sem dúvida a fé e a razão, mas também envolve algo mais; é como

o escutar imediato originário do apelo de Deus é a raiz de todo o saber do eu sobre si mesmo. Este escutar não seria um ato do intelecto, nem uma certeza emotiva, mas está para além da divisão entre crer e saber e significa um compreender-se mais originário do que toda divisão em atos e faculdades da alma. (KORELC, 2015, p.18).

O caminho da verdade não será dado pelo corpo nem pela força, mas em um mergulho no meu interior, “pela minha própria alma subirei até ele, ultrapassarei a força que me prende ao meu corpo e vivifica meu organismo” (AGOSTINHO, Conf. X, 7, 11). Ainda não sabemos o que é a verdade e tampouco a encontramos, mas sabe-se que há uma alma interior e o mundo exterior, aqui o mundo interior e a alma julgarão e selecionarão evidências e ideias trazidas pela memória na busca da verdade, saber que existe algo que transcende o mundo sensível ainda não significa conhecer a verdade. Não é a força do corpo e nem as coisas do mundo sensíveis que nos levarão a Deus; uma atenção à questão da interioridade é fundamental. Agostinho (Conf. X, p.12) recorrerá à memória, ao “palácio” que guarda “os inúmeros tesouros de imagens de todos os gêneros, trazidas pela percepção (...) depositada toda a atividade de nossa mente, que aumenta, diminui ou transforma de modos diversos, o que os sentidos atingiram”. O conceito de memória em Agostinho funda inúmeros conceitos posteriores a ele que tratam desse tema, entende a memória como um *topos*. Ao investigar esse lugar, ele se coloca como um explorador que conta com a possibilidade de haver lugares secretos. Três questões são importantes para compreender a ideia de memória em Agostinho: “1) O que há neste espaço? 2) Como os conteúdos da memória entraram nela? Como Deus está presente na memória?” (PERES. 2012, p. 70). Assim existem várias fontes dos conteúdos: os de ordem sensorial, os de ordem da matemática e das artes liberais que adentraram a memória por vias diversas; assim, reconhecer cada um deles nos conduz a compreender o lugar da verdade. As memórias partem de várias fontes do sensível, das provenientes das sensações internas como o medo, a alegria, a tristeza, além daquelas experiências dos

outros e relatadas a mim; é nesse movimento “que me encontro a mim mesmo, e recordo as ações que realizei, quando, onde e sob que sentimentos as pratiquei” (AGOSTINHO, Conf. X, 8, 14). Descrevemos aqui um aspecto da memória, sensações empíricas, como uma cidade que em algum momento conheci e me lembro das suas ruas, do seu cheiro, sentimentos como a raiva que ainda tendo passado, posso me lembrar de como é a sensação sem contudo me enraivecer como antes, os saberes da matemática que são postos em todos nós de modo comum como por exemplo dois mais um tem igual resultado em todo e qualquer lugar, cabendo a nós somente identificar essa noção. A memória das artes liberais que consiste não em um ver, mas sim numa prática. Contudo a memória em Agostinho não se resume a isso, “envolve não apenas evocar as imagens daquilo que foi absorvido pelos sentidos, mas também combinar, aumentar, diminuir tais imagens”. (NOVAES, 2012 p. 71). Com o poder da memória posso correlacionar as ideias, sensações e fatos, é um poder tão grandioso que Agostinho conjectura como podemos atingir sua profundidade, como posso não chegar a conhecê-la em profundidade se “pertence ao meu espírito, faz parte da minha natureza, e na realidade não chego a aprender tudo que sou” (AGOSTINHO, Conf. X, 8. 15). Ao destacar a grandiosidade da memória, o autor já sugere a imensidão que poderá estar aí contido, aquilo que se busca e, quando pensar que alcançou, ainda há mais a imergir. A grandeza de tudo que sou experimentada na memória é maior do que a beleza dos oceanos, que este, embora belo e imenso só posso apreendê-lo pela memória, assim pensar a nós mesmos é o que pode haver de mais extraordinário na busca do conhecimento,

os homens vão admirar os cumes das montanhas (...), e deixam de lado a si mesmos (...) e não se admiram do fato de eu poder falar de todas essas coisas sem vê-las com os próprios olhos; mas eu não poderia mencionar tais coisas, se não as visse, na memória, em toda sua imensidão (AGOSTINHO, Conf. X, 8.15)

Nesse inventário das memórias Agostinho segue elencando tudo que ela guarda, os ensinamentos das artes liberais, da matemática, das ciências os sons que ouviu, e é pela memória que adquirimos noções da própria substância, quando eu vejo as cores de um campo florido, sinto os aromas das flores, ouço o som do mar, quando elas afetaram meus sentidos, passaram por eles e agora não existem mais, mas ainda posso acessá-las

vivamente pela memória e, desse modo, excluindo aquilo que é sensível, resta apenas e principalmente as substanciais. Isso dito como foi dito por Agostinho (Conf. X, 10.17) fica assim: “ao ouvir isso, retenho a imagem dos sons, e sei que tais sons atravessaram o ar ressoando e agora não mais existem (...) depositei na memória não suas imagens, mas as próprias substâncias”. A memória guarda imagens desordenadas e esparsas, para que elas possam produzir algum conhecimento precisam ser evocadas à ação da reflexão, quando fazemos isso “dizem que as aprendemos e conhecemos” (AGOSTINHO, Conf. X, 11. 18). Quando paramos o movimento da reflexão do que está guardado na memória, elas de novo se dispersam. Dessa ação de refletir “deriva o verbo cogitar (...). No entanto, a palavra *cogito* tornou-se exclusiva do espírito de modo que agora cogitar significa a ação de colher, mas somente no espírito e não alhures” (AGOSTINHO, Conf. X, 11. 18). Para melhor compreender a ideia do *cogito* em Agostinho, na sequência ele explica sobre o que são os números, os números chegam a nós pelos sentidos, mas o número que usamos para calcular é diferente desse que apreendi pelos sentidos do corpo, “são mais reais porque tem existência em si” (AGOSTINHO, Conf. X, 12. 19). Assim nos parece que esse saldo final do conhecimento dado por meio da ação do *cogito* ocorre num movimento dentro do meu espaço interior do meu eu. Nesse mundo interior privado de cada um, chamado de eu interior, guardamos imagens do mundo exterior, guardamos também o resultado do processo do *cogito*, a verdade inteligível que tende para uma constância, uma essência que deixou para trás as contingências do mundo sensível, afastando-se dele e que somente foi possível pelo retorno a si mesmo. E neste meu mundo interior que agora acessei provedor de verdades inteligíveis será condição para chegar a uma verdade ainda superior e eterna, a saber, Deus. Mesmo constatando o grande poder da memória e do *cogito*, o filósofo ainda tem uma questão: em que consiste este *cogito*?

Isto é espírito, isto sou eu próprio. Que sou eu, então ó meu Deus? Qual a minha natureza? (...) Que devo fazer, meu Deus, ó minha vida verdadeira? Irei além dessa faculdade que se chama memória, para chegar a ti, ó doce luz. Que me dizes? Subindo, através de minha alma, a ti, que estás acima de mim, transporei também essa minha faculdade que se chama memória, no desejo de alcançar-te onde podes ser atingido e prender-me a ti onde é possível fazê-lo (AGOSTINHO, Conf. X, 17. 26).

A questão do eu penso, expressa no argumento do *cogito* em *Confissões* é retomada em *O livre arbítrio*, o movimento de retorno a si indica o início para ascensão e a prova de sua existência realizar esse movimento importante consiste na busca do que há de mais nobre no homem. Na referida obra Agostinho desenvolve um diálogo com seu amigo Evódio; utilizando um “método ascensional, Agostinho prova a existência de Deus, autor de todo o bem” (AGOSTINHO, Liv. Arb. 2; 3, 14). Para saber sobre a força do eu penso que nos foi dado suficientemente, isto é, “eu o penso, se essa vontade foi dada aos homens com justeza” (AGOSTINHO, Liv. Arb., 2, 3; 7). Para iniciar a investigação acerca do quanto é forte nossa capacidade do eu penso, o pensador pergunta ao amigo Evódio primeiro se ele existe, depois se ele vive e terceiro se ele entende, quando o interlocutor responde positivamente às três questões, é posta uma outra questão: “qual dessas três realidades (existir, viver e entender) parece a ti a mais excelente?” (AGOSTINHO, Liv. Arb. 2, 3, 7). O cogito somente faz sentido na medida que tem acesso aos conteúdos da memória; para compreendermos como se dá o processo do cogito “devemos abordar três processos mentais descritos por Agostinho. Em primeiro lugar, a retenção memorativa, ou seja, o arquivamento do material percebido na memória. Em terceiro lugar o ato de pensar (cogito) propriamente dito” (PERES, 2018, p. 439). Evódio responde que é o processo de entendimento, o eu penso é a realidade mais excelente, na sequência Agostinho pondera que alguns seres possuem apenas uma, outros duas, mas apenas o homem possui as três realidades e, além disso, somente no homem é possível ser encontrada a melhor delas que é o entendimento, “admitimos igualmente, que a melhor das três é a que só o homem possui, juntamente com as duas outras, isto é, a inteligência, que supõe nele o existir e o viver” (AGOSTINHO, Liv. Arb. 2, 3, 7). Assim fazer uso da realidade do entendimento torna-se algo necessário e ético no processo de conhecimento na busca da verdade, no movimento para a interioridade escalada pelo sujeito. A imagem que captamos pelos sentidos fica impressa na mente, mas não retemos o objeto mesmo em nós, é como se estendêssemos e o captasse, assim quem vê de fato aquilo que retemos não são os sentidos sensoriais, mas a própria alma humana que sai de si mesma e capta e imprime a sua forma no sentido.

Até aqui expôs-se as teses de que o homem tem desejo pela felicidade, essa perpassa pela verdade, a verdade não se encontra no mundo sensível, há que recorrer ao

interior onde há as impressões impressas em nossa alma espiritual a qual torna as lembranças na memória algo mais próximo da verdade última, haja vista que quando as impressões saem do mundo exterior e permeiam a memória elas se tornam mais estáveis, fixas do que quando foram vividas no mundo sensível. A razão por meio da fé e do cogito *intelege* esses elementos, fomentando conhecimentos cada vez mais no contínuo processo de investigação. Percebe-se que, na interioridade, até a fluidez, outrora do mundo sensível, agora torna-se estática. No entanto, para além dessas referências há algo ainda mais profundo na memória, há na interioridade a suprema verdade que é mais facilmente alcançada pelo exercício honesto e rigoroso de um exame interno de si perante Deus por meio da confissão. A essa verdade encontrada no homem interior, por meio da confissão, que nos ocuparemos a expor a partir de agora. A ideia do movimento para a interioridade e a transcendência é abordada também em *A Trindade* e Livro X de *Confissões*, onde por etapas desenvolve o argumento acerca das condições do conhecimento da alma por ela mesma. Inicia o Livro X conjecturando como algo que não se conhece se colocaria em busca de conhecer a si mesma? Prossegue indagando acerca dos modos, motivos, razões, modelos de acesso que permitiria o conhecer a alma, ainda não sabe como se chega a esse conhecimento, mas assegura que é fato e não “há dúvida que a alma procura-se a si mesma para conhecer e inflama-se com esse desejo” (AGOSTINHO, Trind., X, 5). De acordo com Santo Agostinho a alma não precisa se procurar porque a ela é dada um preceito para ela pensar a si mesma e viver de acordo com sua natureza. Natureza essa dada por aquele que está acima das coisas as quais domina, e acrescenta que, “são coisas diferentes: não se conhecer (*non se*) e não pensar em si mesma” (AGOSTINHO, Trind., X, 7). Mesmo com a faculdade de pensar a si mesma, as imagens de natureza corpórea e ou não corpóreas, o próprio poder da mente, a capacidade de julgar podem concorrer para que a alma se equivoque. Nesse ponto, o pensador faz uma distinção do que é da alma, do que vem de fora e eventualmente possa confundi-la se não estiver atenta a essas armadilhas que podem ser provenientes da memória, da inteligência etc. No que refere à alma nada é “mais presente à alma do que a própria alma” (AGOSTINHO, Trind. X. 10). A alma nunca sai de si e, portanto, não precisa ser procurada, porém nosso hábito no erro e a ausência da conexão com o interior pode nos levar a necessidade de reencontrá-la. Posto isso, inferimos que a alma não deve procurar em nada fora de si, que é presente todo

tempo, que não pode escapar-se de si mesma, e provida do preceito de pensar-se a si mesma, ela intui e desapega do que sabe que não é ela mesma e passa a exercer o cumprimento da ordem “conhece-te a ti mesmo” (AGOSTINHO, Trind. X. 12). Enfim, todo ser que tem a força de compreender a si mesmo, compreender qual é o seu ser, sua existência, sua vivência, saberá o que fazer, e a alma humana

vive, entende e existe de modo peculiar e mais nobre (...) do mesmo modo toda alma humana sabe o que quer. Sabe e igualmente que para querer é preciso ser, é preciso viver (...). A alma sabe igualmente que se recorda, mas aí ainda ela sabe que para recordar é preciso ser e viver (AGOSTINHO, Trind. X., p. 12).

Então são três faculdades: memória, inteligência e vontade. A vontade existe para nos fazer querer desfrutar da memória e da inteligência onde encontramos o conhecimento e as ciências. Conclui-se que o homem busca o conhecimento e faz filosofia para buscar a felicidade, isso é a beatitude, que coincide com a busca do supremo bem que em última instância é a verdade. Quando encontramos a verdade alçamos o propósito da vida que é ser feliz. Só pode ser feliz aquele que vive de acordo com a sua natureza e, portanto, sabe o que quer, lembrando que a nossa natureza provém de um ser supremo que nos criou para esse fim, ser feliz, viver a verdade. Felicidade que neste mundo pode ser encontrada na esperança. O termo *confissões* que nomeia a mais conhecida obra de Agostinho traz consigo o porquê desse título, o que implica confessar? O confessar são palavras proferidas a Deus ou aos outros homens, é uma forma de dizer a si mesmo? A quem direciona suas palavras escritas em *Confissões*. Caso seja a Deus, qual o objetivo? Tendo em vista que Deus a tudo sabe, em épocas e obras distintas, Agostinho dirige suas reflexões a pessoas e contextos distintos. Assim, às vezes está respondendo questões muito específicas com os donatistas, ou aos maniqueus, enfim, ainda que existam essas nesgas no pensamento do filósofo de Tagaste, há uma comunicação entre os seus problemas filosóficos que são retomados várias vezes em obras diferentes. Compreendemos que confessar pode ter importante papel no caminho de retorno à interioridade, quando Agostinho examina-se interiormente e refletindo elabora um discurso, utiliza-se da linguagem que é tema desenvolvido em *O Mestre*. Deus não precisa que eu lhe conte absolutamente nada, pois ele é mais íntimo de nós do que

nós mesmos, mas aqui trazemos a ideia da função da linguagem desenvolvida na obra *O Mestre*. É pela linguagem que ensinamos a outrem e é pela linguagem que aprendemos de outrem, finalmente esse processo somente se efetiva quando o que é ensinado através da fala, encontra ressonância no interior do interlocutor e este somente aprende do mestre quando as palavras do mestre mostram uma verdade contemplada, que encontra no discípulo eco em seu interior.

O que o ato de confessar pode interessar ou ser relevante para alguém? Como posso eu ou o outro saber se o que falo é mentira ou verdadeiro; ou ainda, nas palavras de Agostinho (Conf. X. 3), “como poderiam estar certos de que digo a verdade ao falar de mim mesmo, quando homem algum conhece o que se passa no homem, senão o espírito do homem que nele reside?”. O ato de confessar é ressignificado, quando é guiado pela caridade, pela guia de Deus, pois depois de conhecer a Deus não posso mais me esconder dele tampouco de mim mesma. Como disse o próprio Agostinho em seu texto (Conf. X, 3), “e quem, depois de se conhecer a si mesmo, consegue dizer sem mentir: é falso? E como a “caridade tudo crê”, ao menos entre aqueles que ela unifica unindo-os a si mesma, também eu, Senhor, te faço esta confissão, para que os homens a ouçam”. Assim com a guia da caridade, tanto ele Agostinho pode contemplar a verdade como os outros podem saber se ele diz a verdade, se estiverem igualmente ouvindo guiados pela caridade, ou melhor, dizendo pelo amor e a misericórdia. No livro *Confissões* publicado pela Companhia das Letras há um interessante prefácio do Lorenzo Mammí, no qual sustenta que existem inúmeras chaves de leitura para esse livro que deixa o tradutor perdido acerca do que priorizar, “o prazer do texto ou a precisão conceitual? O rigor argumentativo ou, a sofisticação da oratória” (AGOSTINHO, 2017, p. 7). Evidentemente não existe o que é melhor priorizar, prioriza-se o que temos maior interesse em um dado recorte. Assim deste modo, a chave de leitura aqui escolhida perpassa para qual o papel das confissões como uma antropologia que descreve um processo de busca da sabedoria, do entendimento da verdade e, por fim, a compreensão do sumo bem, essas inquietações são de cunho eminentemente filosóficos e suas argumentações perpassam pelo modo de pensar filosófico, realizando uma investigação na primeira pessoa, na qual a experiência do indivíduo é refletida. Essa meta da busca da verdade tarefa de todo filósofo não é abandonada por Agostinho, continua sendo seu projeto de vida, no entanto, o encontro

com Deus faz com que este elemento seja inserido. Enfim, a tarefa das *Confissões* é descrever o processo que ocorre internamente de retorno a si, é um caminho que reconecta Deus e sua alma. Mas continuando com a compreensão de qual o sentido das confissões, existem duas importantes indicações que nos interessam saber, Agostinho diz que elas “louvam a Deus por minhas ações boas e más”, “incitam a dirigir a inteligência e o afeto humanos” para Deus (AGOSTINHO, 2017, p. 13).

Assim, se as *Confissões* é uma forma de louvor, é num sentido bem singular, “etimologicamente o termo latino *confessio* e o verbo de que deriva, *confiteor*, indicam qualquer tipo de pronunciamento público (cum+fateri, literalmente “falar com”, falar junto (AGOSTINHO, 2017, p. 13). Na continuidade das investigações sobre como conhecer, o pensador amando o mundo e embasbacado com sua beleza do mundo pergunta a Terra e a tudo que há, e tudo que existe respondeu a mesma coisa, “não somos nós o teu Deus; busca acima de nós (...) foi ele que nos criou” (AGOSTINHO, Conf. X, p. 9). Nesse ponto, o filósofo embora veja tudo como obra, também em latim clássico pode significar pronunciamento perante uma autoridade como um tribunal, entendimento como aceitação de uma falta ou crime. Na igreja é entendida a confissão de pecado diante de um sacerdote, ou assembleia, como existia nos primórdios do cristianismo. Ainda existe a dimensão do recurso da oratória que Agostinho era mestre na arte, assim, *Confissões* em Agostinho pode conter uma dimensão de louvor, agradecimento, reconhecimento público de algo alcançado, reconhecimento de culpa, ensinamentos aos outros, poesia e oratória.

Conclui-se que as *Confissões* são “um discurso dirigido a Deus, caracterizado pelo descompasso entre o imenso desejo de conhecer e de ser feliz e a nossa finitude e os erros, por outro lado providos de razão, fé e memória, elementos que podem muito tanto para nos levar grande sabedoria e ciência assim como uma vida de certo modo plena e feliz ou pode nos conduzir angústias, sofrimentos e equívocos. De um outro lado das *Confissões* está Deus, cujo ser, em Agostinho, identifica-se com a verdade, felicidade, enfim, com o sumo bem. Com essas elucubrações acerca do termo “confissões”, pretendemos fundamentar uma hipótese que pode haver importante papel no ato da fala, quando exposto por meio do exercício da fala como confissão no que refere à ideia da busca da felicidade / verdade, busca essa que é o próprio caminho da autoeducação.

Evidentemente que, para chegar ao ato da fala como confissões, a pessoa precisará ter trilhado o longo caminho do retorno a si; no entanto, parece que a linguagem seria importante componente aliado ao método do confessar, perpassando pelo caminho das coisas mundanas até chegar à subjetividade. O retorno à subjetividade deve passar pelo caminho de filosofar na primeira pessoa, que em última instância entendemos consistir no ato honesto e rigoroso da confissão.

Referências

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução de M. L. Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 2002.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução do latim e prefácio de Lorenzo Mammì. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2017.

AGOSTINHO, Santo. *O Livre-arbítrio*. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995.

AGOSTINHO, Santo. *A Trindade*. Tradução de Agustino Belmonte. São Paulo: Paulus, 1994.

BRACHTENDORF, Johannes. *Confissões de Agostinho*. Tradução Milton Camargo Mota. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2020.

MARTINELLI, Agueda Vieira. A interioridade no Livro X das Confissões. *Intuitio*, 2021.

NOVAES, Moacyr. Interioridade e inspeção do espírito na filosofia agostiniana. *Analytica*, 2003.

NOVAES, Moacyr. A razão em Exercício, Estudos sobre a filosofia de Agostinho. São Paulo: Paulus, 2009.

PERES, Sávio. O Espírito como realidade íntima em santo Agostinho. *Memorandum*, /2017.

PERES, Sávio. A espacialidade da memória nas Confissões de Agostinho. *Memorandum*, 2012.

PERES, Sávio. Santo Agostinho e a fenomenologia: o conceito de atenção. *Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica*, 2018.

KORELC, Martina. Crença e Razão na fenomenologia de Husserl. *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, 2015.

PINTO, Ana Kelly Ferreira Souto; FILHO, José Reinaldo Felipe Martins. A ideia do mal no comentário ao Gênesis de Santo Agostinho. *Reflexus*, 2022.

PINTO, Ana Kelly Ferreira Souto; VICENTE, José João Neves Barbosa. Comentários introdutórios sobre os aspectos pedagógicos do pensamento de santo agostinho. *Kínesis*, 2021.